

## Da Unidade Dança-Pensamento E Seus Corpos

*A Dance-Thought Unity And About Its Bodies*

Dinis Zanotto<sup>1</sup>

**Resumo:** O fio condutor do pensamento desenvolvido é a unidade dançar-pensar, suas manifestações e as formas como nos dá notícias de corpo, de arte, de humanidade e do ser. A partir do tensionamento de provocações feitas por Angel Vianna e Friedrich Nietzsche, dialoga-se sobre questões originárias do corpo para além de sujeito ou objeto, do corpo como unidade sentir-ver-perceber e como lugar de eclosão de dança, de arte e de pensamento. Busca-se entrever e experienciar este corpo que possibilita a manutenção da unidade dançar-pensar e é também revelado por ela. Os pensamentos de Martin Heidegger e Gilvan Fogel aparecem como balizadores às máximas de corpo como grande filósofo e de corpo como grande razão. Nesta teia, são evidenciadas corporeidades, desaprendizagens e inscrições que as cenas de dança, advindas como encontros, oferecem à elaboração. Da permanência advêm mudança e atualização e, com isso, corpo nos mostra que pode sempre ser outro.

**Palavras-chave:** Corpo. Dança. Pensamento. Filosofia. Ser.

**Abstract:** The string that pulls the whole line of thoughts here developed is one: the unity dancing-thinking, alongside the ways it tells us about body, art, humanhood and being. Starting from confronting statements made by Angel Vianna and Friedrich Nietzsche, a dialogue about originary questions is launched. It grasps the body as subject/object, the body as a feel-see-percept unity, and as a placement for the outbreak of dance, art, and thought (straight and simultaneously related). It is aimed to experience the body that allows the dancing-thinking unity. Heidegger's and Gilvan Fogel's studies are here as tensors to the statements that say the body as the great philosopher and as the bigger reason. On this web, corporeity, unlearning and inscription are shown as/on dance scenes propelled by the meeting and offered for elaboration. Change and actualization come from stillness and that is how the body shows it can always be another.

**Keywords:** Body. Dance. Thinking. Philosophy. Being.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: dinotto@gmail.com.

## **Introdução**

Este é um aquecimento. Os exercícios de gentilmente começar a movimentar os pés para explorar onde pisamos, de abrir e estender os braços para serem marcados limites e alcances, de articular as vértebras cervicais para ampliarmos o campo de visão e inclinar perspectivas. Logo vamos começar a movimentar, tensionar, articular, deslocar e aproximar. É urgente que dancemos, que o pensamento dance, que a dança pense. E não o faremos desacompanhados. Na realidade, há muito tempo já é sabido que pensadores dançam e dançadores pensam. Não é necessário pensar quem terá sido a primeira, mas nos acompanham de perto neste caminho já iniciado o filósofo alemão do séc. XIX que disse só acreditar num deus que soubesse dançar (Nietzsche, 2010, p. 49), Friedrich Nietzsche; e Angel Vianna, uma das pessoas que transformou a dança e o teatro brasileiros através de uma metodologia baseada em consciência, expressão, terapêutica e criação pelo movimento e pela dança desde a segunda metade do séc. XX. Suas contribuições, pensamentos e danças abriram caminhos para que hoje sejam possíveis os diálogos propostos a seguir.

Este trabalho é resultado de uma procura por uma ontologia da dança e faz um recorte para pensar o corpo nesta dimensão. Tendo como inquietação inicial uma frase de Angel Vianna que aglutina em poucas palavras muitos saberes basilares de seu trabalho e recorrentes em suas aulas e falas, serão buscadas e elaboradas perguntas para dialogar com as questões interpeladas pela colocação de Angel. Encontra-se, no decorrer, ressonância no pensamento de Nietzsche e também uma área de afinações e tensionamentos entre as formas escolhidas por ambos para nomear isto que, acredita-se, ser uma mesma coisa, a ser discorrida e experienciada. A forma como ambos fazem seus apontamentos nos convida a retomar a questão da cisão metafísica de corpo e mente – ainda tão insistente –, já que a partir da dança é possível experienciar outra dimensão corporal que, conforme será explorado, está diretamente imbricada ao pensamento, e vice-versa. Com isso, almeja-se, a partir disto que ressoa, evidenciar que dimensão de corpo serve a esta ontologia da dança e se nos revela desde ela. Assim

como numa dança, as perguntas feitas serão precisas, instigantes e orientadas a nos dar um caminho por onde seguir.

Instante de dança: num salão de bailes, numa sala de ensaio ou na sala de casa, uma mão se estende, um sorriso se abre; já se deu o abraço. Convidar à dança é chamar a demorarmos no *entre*, a uma experiência de coparticipação e composição. O dançar subitamente toma estas duas pessoas, que se tornam um. Nesse uno, de novo, a experiência do intervalo, da distância, a experiência do *por-entre* o reunido. Encontro de saberes, encontro de pensamentos. Quando se dispõem a dançar, se aproximam entre si e, ao fazê-lo, possibilitam a proximidade de alguns binômios: dança-pensamento, teoria-experiência e prática-pesquisa.

Lançados a dançar, no encontro de corpos e na instauração de uma própria tempo-espacialidade que a dança, enquanto arte, já instaura, já está dada uma cena de dança (Zanotto, 2019). Afinal, independente de configuração espacial, geográfica ou arquitetônica, já se instaura uma cena de dança quando são nomeados e instaurados os corpos em dança, em diálogo, em encontro, em afetação (Zanotto, 2019). Cena de dança se dá justamente na união que é experienciada no próprio dançar. A cena de dança é também co-participação e composição em si mesma, enquanto possibilidade e retorno de encontro e de proximidade.

A unidade de “dançar-pensar” é assim nomeada como um espaço *entre* no qual o aparentemente separado se reúne, no qual se compõe unidade; um espaço *entre* no qual cuidado e amor têm vigor, o distinto se funde e o que se difunde é a capacidade de se gerar não um caos somente, mas uma (nova) cosmogonia de corpo(s). Dançar é um modo de pensar. Um modo de corpo ser pensado. Pensar pode ser um modo de dançar. Dançar-pensar põe o corpo em destaque enquanto mistério e enquanto revelação do próprio acontecer de corpo como isto que é. Com isso, dançar pode também ser filosofar, desde que pensemos o originário de *filosofia*. Com isso, também, filosofia pode ser dança. O corpo, em simultaneidade, é pensamento enquanto dança e é dança enquanto pensamento. Este contínuo do enquanto um, outro, é experienciado pelos corpos em dança. Ele também é dado como inscrição, isto é, dança inscrevendo-se em

pensamento (assim como aquela neste), pensamento inscrevendo danças (bem como estas aquele). Inscrever é, aqui, propositalmente, outra palavra para ser. Dançar é um modo de pensar e ser: de pensar o ser e ser o pensar.

## O corpo filósofo de Angel

Criar, todo mundo cria. Só não cria quem não acredita que cria. E eu cheguei à conclusão, durante estes longos anos de trabalho, de que o maior filósofo de toda a humanidade o próprio corpo. Ele *que* sente, ele que vê, ele é o instrumento da sua vida [...]. Eu aconselho: procure entendê-lo, procure amá-lo, procure descobrir quem ele é. [...] cheguei à conclusão de que o grande filósofo é o corpo de cada um (Vianna, 2018).

É necessário que escutemos estas palavras<sup>2</sup> de Angel Vianna com muita atenção e acolhimento. Como renomada bailarina, professora de dança e coreógrafa que é, Angel coloca o corpo como questão central para se pensar dança como pensamento. Evidencia-se em sua trajetória pioneira na dança contemporânea e na somática no país seu desejo de compreender o corpo para além de técnicas ou formas, mas presente, consciente e expressivo<sup>3</sup>. O corpo de cada um – o corpo que cada um é – e o corpo que somos: o grande filósofo. Paralelo a isto, conforme Fogel<sup>4</sup> (2012), Nietzsche fez uma comparação similar em “Assim falava Zaratustra” (Nietzsche, 2010) ao afirmar corpo como a grande razão.

Desde já se nos apresentam algumas perguntas escondidas na unidade “dançar-pensar” e na passagem “filósofo é o corpo” e nos exigem atenção, demora, mas não necessariamente respostas. Antes, elas nos abrem para ainda outras perguntas, e para as questões de corpo, pensamento, saber, sabor, amor; dizem algo sobre o próprio,

---

<sup>2</sup> Trazer as palavras de Angel Vianna como referência para a construção deste texto parte, em parte, das experiências vividas na graduação realizada em sua faculdade de dança, de aulas com a própria Angel e com professores e artistas formados por ela.

<sup>3</sup> Além do desenvolvimento de sua Metodologia de ensino e formação em dança, elaborada, desenvolvida e oferecida na Faculdade Angel Vianna, Angel e Klaus Vianna foram precursores da expressão corporal e consciência do movimento como metodologia de ensino de dança, preparação para a cena e coreografia. Algumas destas podem ser ouvidas em (Vianna, 2019).

<sup>4</sup> Gilvan Fogel, filósofo brasileiro e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem grande parte do seu trabalho dedicado a pensar com e a partir de Nietzsche, trazendo suas contribuições a partir do pensador alemão.

a unidade, o movimento, a dança e a filosofia. Não que colheremos essas questões tais como flores ou frutos por uma trilha já conhecida, mas elas desenham e apontam um caminhar que se anuncia. As questões compõem um caminho a seguir, criam e nutrem o desejo, a necessidade de busca: na trilha, é abismo o que se funda, longe de um fundamento que a suporte. Pesando no abismo, suspensa no abismo, pendente no abismo, a trilha inicia num salto.

Neste salto, não temos nenhum equipamento ou aparato. Nem corda, cabo ou paraquedas, mas somos. Somos corpo, este corpo filósofo, que dança, que pensa, que é com, é entre. Assim sendo, experienciamos o abismo como superação, sobrevoo de sentido. O que, de princípio, precisamos superar é a forma de pensamento e entendimento de mundo que cinde dança e pensamento e exige conceitos ao invés de dialogar com as questões (Castro, 2011; Heidegger, 2002). Isto é, resistir à tradição adquirida do fundamento (de um saber lógico racional) para experimentar o fundar do sem fundo, o fundar no sem fundo. Resistir aos conceitos (que fecham ao tentar dar conta) e deixar-nos conduzir às e pelas questões – às e pelas questões do corpo, pelo questionar do corpo filósofo. Partindo do fechado dos conceitos ao aberto das questões e do não saber. Partindo do restrito e cindido pelo fundamento para o aberto e uno do fundar. Saltamos num horizonte outro. Um salto originário.

Aquelas perguntas que logo nos insistem atenção são: *Corpo pensa? Que filósofo é o corpo? E que é isto – filósofo?* A primeira facilmente se desdobra em *Que corpo pode pensar?* e, daí, facilmente responderíamos: o corpo filósofo! O corpo dançarino, pensaríamos em seguida. Mas tudo isso seria vão, raso e repetitivo. A pergunta guarda um estranhamento. Respondê-la meramente corpo filósofo acaba por deslocar-nos a outro horizonte de pensamento que não o originário almejado, além do fundamento. Não só perguntar *que corpo* pode pensar, mas *se* o corpo pensa ou *como e o que* pensa o corpo. Contudo, cogitamos: o corpo é um *indivíduo*? O corpo é um indivíduo, um sujeito que pensa, dança, um *sujeito filósofo*? O que é isto – corpo? Algo já dado, um sujeito, um objeto? Então, instantaneamente perguntamos: corpo dança? É, por fim, o corpo que dança?

A estas perguntas destina-se o mesmo estranhamento. Seguimos nosso caminhar em direção a reflexões e algumas respostas lembrando do entendimento de obra de arte para o filósofo Martin Heidegger, no livro “A origem da obra de arte” (2010). O autor aponta que obra, artista e arte acontecem em conjunção e constituem um ao outro. Isto é, arte é o que possibilita a obra acontecer desde o artista; o artista só se constitui artista no perfazimento de sua obra e tomado pela arte; e a obra só é possível, só pode ser trazida ao mundo pelas mãos – ou pelo corpo – do artista, quando este tomado pela ação da arte (Heidegger, 2010). Pensando isto na dança, percebemos que, quando em criação, arte, artista e obra ocupam exatamente o mesmo lugar: corpo. Este fenômeno de conjunção e constituição de obra, artista e arte acontece ainda mais simultânea e atravessadamente na dança, pois o mesmo corpo que se dispõe à criação é criador e obra. O corpo que dança, assim, se faz mais corpo ao passo que é feito obra, é feito arte e é feito artista.

Podemos, desta forma, entender que o dançar dança e, por isso, toma o corpo, tem ao corpo, antes e para que um corpo tenha o dançar. O dançar, como verbo (ação ou dinâmica de ser), que dá sentido e possibilita entrevermos este fenômeno de conjunção e constituição. Corpo, tão logo, não pode ser o sujeito que dança, coisa dada, subjetiva, um ente. É na dança que o corpo é mais corpo, que corpo mais instaura um corpo, ou seja, que não há um corpo dado que, então, dança. No acontecer-dança, corpo está dando-se, ainda vai dar-se – é algo a mais que dança e faz de dança esta dança. Em conformidade com Diego Braga (2010, p. 57), “Não é o corpo que dança. O corpo é a dança que se dança”. É o próprio dançar, é a possibilidade de ser que deixa corpo ser um – outro, novo – corpo.

Neste ponto, perguntar *O corpo dança?* e *que filósofo é o corpo que nos insinua (e ensina) Angel Vianna?* nos faz desenvolver uma (ainda) outra pergunta: o corpo é o filósofo quer dizer que ele é o sujeito, o *eu* da filosofia? Vejamos: filosofar se dá desde um sujeito, do *eu* como um espírito da consciência, racional? Precisamos, porém, compreender que o corpo é o filósofo não só na medida em que se põe em questão o que é isto – filosofar, mas também o que é isto – o corpo, sem partimos de objeto e sujeito

como referências prévias. O que essa pergunta pressupõe como resposta? Como (re)fazê-la de modo a evitar a resposta de que há um corpo – dado – para, então, dançar; para que dançar seja o verbo desse corpo-sujeito? Deste corpo-objeto?

Advém-nos uma resposta simples, superficial e redundante. Quer dizer: pensa o corpo simples, isto é, *sine plex*, sem dobra<sup>5</sup>, por desdobrar-se e em desvelamento, uno; pensa o corpo que é superficial, ou seja, pele, limite de emergência, aparecimento e manifestação do próprio que é e sempre está vindo a ser, aparente; e pensa o corpo redundantemente, indicando-nos que corpo pensa diz o mesmo que filósofo é o corpo. Decorre disso que pensar é filosofar? Sim e não. Uma conclusão apressada, mas não de todo equívoca. Para compreender isto, ouçamos o originário na palavra filosofia.

Da conhecida junção *philos* + *sophía*, ouve-se primeiramente: o amigo do saber ou aquele que ama o saber. Entretanto, ainda é prematuro dizer que pensa quem sabe ou que pensamento é sabedoria (apenas). Filósofo não é meramente quem ama o conhecimento, e a célebre fala de Angel Vianna nos deixa possibilidades de diálogos a respeito do pensar, do amar e do saber. A palavra grega *sophía* diz originariamente daquele saber pelo sabor, saber por experienciar, conhecer por já ter provado (Jardim, 2004). Este saber da experiência é, tão logo, o saber do, pelo e no corpo. O saber que guardamos, que sabemos o sabor, que nos é próximo. E mais: que este saber compreendido na experiência é, de modo originário, o saber poético. Contudo, lembramos, desde agora, que corpo, aqui, está dizendo mais do que a trivial redução a organismo ou sistema. Já *philos* diz, também, amor pelo que temos tal como se tem uma perna ou ouvidos: um amor de pertença, de constituição, de unidade e extensão (Jardim, 2004). A então expressão amar o saber, desde estes entoados dizeres, fala deste saber pelo que se tem (não como posse, mas sim como um próprio, propriedade), saber por isto que se é, ou seja, pelo corpo, pela experiência, pelo existir etc. Amar (*philos*) diz ainda querer e buscar (porque se ama, ou ainda amar por buscar), e tal busca é o que nos leva à aproximação disto que se quer enquanto e porque nos quer (Castro, 2011; 2014; 2015).

---

<sup>5</sup> Este sentido etimológico de simples é retirado de Castro (2014) e Jardim (2004).

Filosofar, ressoando seu arcaico-originário, conforme Jardim e Castro, é apropriar-se do que se é próprio, aproximar-se do próprio que se é. Há corpo tanto em *philos*, como em *sophía*. O conhecimento ou a sabedoria da filosofia são, originariamente, um saber de corpo, saber pelo sabor, saber no sendo, sendo o que se sabe: saber pelo e desde o ser e o amar. Assim, já implica contato, trazer para o corpo, experiência corporal ou corporificada. Apropriar-se bem para resguardar o trazido ao corpo, ou seja, o guardar, o deixar guardado, apropriado e, portanto, liberado para ser. Enquanto o grande filósofo, este filósofo é menos um nome ou adjetivo e mais um verbo do corpo. Quer dizer, ou uma ação de corporificação, uma apropriação, algo próprio do verbo, do ser. O corpo é/será filósofo na medida em que se entender este saber e este próprio como ação, como realização ou acontecer.

Enquanto amor ou eclosão deste fazer (busca, necessidade, procura, questão) aparece, faz-se e vige o pensar. Mas parece que ainda não respondemos às perguntas suficientemente, apesar de evidente a relação entre ser filósofo e o pensar, e evidente a referência de ambos a corpo. Numa estratégia similar à substituição de variantes em função na matemática na frase principal de Angel Vianna, podemos chegar à colocação: o grande *pensador* é o corpo. Porém, não para afirmar que filósofo é igual a pensador, pois é evidente que nem todo pensador é filósofo e nem todo filósofo é pensador, mas para marcar (e outra vez ouvir) o sentido que a mestra tenta arrumar (ou amarrar) em suas palavras (ou melhor, no silêncio delas).

Dizer que o grande pensador é o corpo ou que, quando dança, corpo (se) pensa ainda carrega uma pergunta que, embora já encaminhada ao diálogo, entretanto, pede e traz em si uma questão por entrar em cena. Este corpo que pensa, que pode ser o grande pensador, é, reforça-se, o corpo originário, uno, anterior e posterior ao entendimento dualista e cindido corpo e (+) mente. Amplamente difundido e reiterado, o sentido de corpo parte física, oca ou material de uma então dita outra parte racional, mental, espiritual, ou qualquer palavra do ramo, nos foi herdado desde uma sequência de más compreensões. Advém, porém, como herança e consequência inevitável da redução do



sentido originário de linguagem-reunião<sup>6</sup> à razão-raciocínio desde o raciocinar, da prevalência de um tecnicismo funcional e do esquecimento do sentido do ser (Fogel, 2012; Heidegger, 2002; Jardim, 2005). Esta redução de corpo a receptáculo, suporte ou parte material e inferior de um suposto conjunto que o enobrece e que não seria capaz de raciocínio, uso da faculdade da razão (a parte privilegiada) levou, numa ainda mais redutível conclusão, à impossibilidade do pensar meramente lógico (em sentido completamente diferente do já discutido acima), sendo faculdade esta exclusiva à outra parte. Como mencionado, esta parte orgânica, cientificamente entendida meramente como organismo e conjunto de sistemas (obviamente com suas avançadíssimas e infinitas complexidades, funções, domínios e funcionamentos) não dá conta do que é e pode ser corpo como diferença ontológica.

Segundo Gilvan Fogel,

corpo, portanto, não é *coisa* nenhuma, *algo* nenhum, não é nenhum estrato ou sub-estrato no sentido de nenhuma base física, nenhum lastro material, biofísico, *orgânico*. Tudo isso é posterior, tardio, epigonal, ou seja, de segunda instância, uma vez que, de modo geral, é tematização, objetivação *científica*. Originária ou imediatamente, corpo é experiência, ou seja, humor, afeto, que é tão só um modo possível de ser, de vir a ser ou tornar-se, quer dizer, aparecer, fazer-se visível, mostrar-se ou desvelar-se [...] (Fogel, 2012, p. 209).

Corpo não é um oco preenchido, nem uma massa de matéria que recebe um tempero ou toque imaterial, espiritual, de ânimo ou *anima*. Dizemos diferença ontológica de forma muito próxima – quase sinônima – a corpo *humano*. A diferenciação de animal para humano, ou melhor, a diferenciação de não-racional para racional (sendo todos animais, *animados*) não se pontua ou desdobra, também como nos diz Fogel (2012), desde a ou na habilidade de raciocínio, mas sim desde seu ser possibilidade de e para possibilidade, isto é, da condição humana de estar sendo, de ser no aberto (do ser), no exposto, disposto: (ser) corpo. Humano não é para dizer

---

<sup>6</sup> O sentido de linguagem e reunião aqui utilizados por Fogel (2012) e Jardim (2004), são opções de tradução da palavra grega *Logos*. Os autores defendem e afirmam que a má compreensão da multiplicidade de sentidos e da complexidade desta palavra para os gregos pelos seus tradutores para o latim e outras línguas resultou em consequências drásticas na história do pensamento ocidental.

não-animal, mas sim dizer humanidade, húmus, terra, chão, solo, gênese que se compreende como tal, isto é, acontece, faz sentido, é-no-mundo, em suma, mundifica.

A expressão ‘corpo humano’ deve ser acentuada. O ‘humano’ é para reforçar que, quando se fala de corpo em se referindo ao homem, *homem* já aconteceu, já se fez ou se deu. Mas ele também não se dá *antes* e *fora* do corpo, isto é, antes e fora (cronologicamente e anterior) de realização, de concretização, o que talvez se possa denominar *(en)corporização*, *encarnação*. Homem-corpo – isso é o único acontecimento, um único e mesmo instante, um único e mesmo ato. Esse acontecimento *um*, íntegro, esse único e mesmo ato é dito em e como *ek-sistência*. (Fogel, 2012, p. 204 [grifos do autor]).

Os sentidos de unidade, integração, dança-pensamento, corpo originário reaparecem como este único e mesmo ato, acontecimento um. Tal unidade é ainda mais diferença ontológica, enquanto manifestação de presença, homem (humano) como ser sendo, no aberto ou exposto a ser (Fogel, 2012; Heidegger, 1967; 2010).

O filósofo Gilvan Fogel, a fim de diferenciação e seguindo o caminho de superação do sentido tardio, dual e redutor de corpo e (+) mente apresenta ainda outra referência.

Isso é *corpo?! Bem*, talvez o nome para dizer esta conjugação, este atamento ou amarração – a *síntese*, que sempre já se deu, que sempre já aconteceu – não é nem ‘corpo’ e nem ‘alma’, pois a verdade é que, ao se falar e se afirmar corpo, o espírito da oposição sempre permanecerá. Melhor, o nome *disso*, desse atamento, é *vida*. Homem, melhor ainda, *vida humana* ou a vida, que o homem sempre já é. Vida reúne estes dois aspectos (*aisthesis-nous*) num único ato, num único acontecimento simples, i-mediato, instantâneo. É, pois, o *instante vida*. (FOGEL, 2012, p. 49 [grifos do autor]).

Afinal, o que e como é isto – corpo humano, vida, ser?

Entendemos e dialogamos, até este passo, que corpo é este corpo filósofo ou corpo pensador e, apesar das referências e aproximações sinônimas, ainda afirmamos, queremos, amamos corpo. Suas questões seguem sempre em atualização, em acontecimento, em pensamento. Seguem em dança. O pensar (em e de corpo) diz o mesmo que ser, isto é, poética e originariamente, o pensar é o ser dando-se como questão – ou ainda: vida. Para Heidegger (2002, 2010) e Castro (2011, 2014), pensar e

ser são doação – doar-se e dar-se: dádiva, dar-se em e como corpo<sup>7</sup>. Aparece, então, corpo como o grande pensador na amarração ou reunião *aisthesis-nous*<sup>8</sup>, referida por Fogel (2012): único ato, acontecimento simples, imediato, instantâneo. Neste binômio grego, guarda-se o sentido de sentir-ver-perceber como pensar-corpo: num só tempo, corpo é manifestação, lócus e perfazimento deste, neste e por este atamento. Quer dizer, corpo é sentir-ver-perceber e aparece como tal, (re)fazendo-se, (re)dispondo-se e (re)compondo-se neste sentir-ver-perceber. Nem quem pensa, nem quem sente, mas aquele que, por sentir, por ter sentido, já viu, já percebe; quem pode ver e dizer que já sente e percebe; quem por perceber, vê e sente o que está sendo (Fogel, 2012). Em outras palavras, ser o que é e fazer-se o que é.

Desta maneira, o encontro de dança e filosofia proposto é para emergir este lugar de cuidado e pensamento do dançar. Tal qual a manifestação e conjunção arte-artista-obra, o dançar, o corpo e o pensamento se co-instituem e possibilitam um ao outro conjunta e simultaneamente em seu acontecer, no ver-sentir-perceber. A dança sendo não um objeto do pensamento, mas o acontecimento do pensamento. Corpo sendo não só quem dança ou quem pensa, mas eclosão e manifestação de dança e pensamento. Pensamento sendo fim e princípio de dança e de corpo. Como coloca Nietzsche “a arte de pensar deve ser aprendida como a dança, como uma espécie de dança. [...] Saber dançar com os pés, com as ideias, com as palavras: é preciso dizer que não é menos necessário sabê-lo com a caneta” (Nietzsche, 2018, p. 4).

Seguindo e ouvindo esta mesma unidade e imediatidade, corpo-pensamento, outra veste para a mesma coisa, diz (também) do ato de pôr-se-fazendo e perfazimento

---

<sup>7</sup> Também para Castro (2011, 2014) e Heidegger (2002, 2010), doação poética, isto é, desde e como *Poiesis*, passagem de não ser a ser.

<sup>8</sup> O autor, em outra passagem, enfatiza a origem da cisão corpo e mente pelos sentidos ora entendidos como opostos destes termos gregos e ora por ele utilizados como contínuo para fazer aparecer sua unidade. “A distinção – mais e melhor – a separação, a oposição e a mútua exclusão de corpo e alma, de matéria e de espírito, de sensação e razão, e tudo que daí decorre como problema e aporia, tem na origem o corte e o isolamento entre sentir, a sensação (*Aisthesis*) e perceber, percepção (*Nous*), como se cada qual constituísse um ato e uma função distintos e separados um do outro, então, formando duas coisas, dois estratos ou planos e, por fim, duas funções ou faculdades – uma, a *Aisthesis* seria função ou capacidade (propriedade, faculdade) do corpo; a outra, a percepção, o *Nous*, seria função ou faculdade da alma, do espírito, da razão. Fica assim inventado e consolidado o polo corpo e (+) ou versus o polo alma, espírito, razão” (Fogel, 2012, p. 47).

de corpo ao e desde o pensar-dançar. Enquanto realizando-se, torna-se mais isto que é. Pensar é consumir existência que se é, que se virá a ser e que já se foi. No aparecer de corpo tal como isto que é, que tem que ser, corpo precisa pensar-dançar porque precisa vir a ser, e vem a ser porque dança-pensa. Corpo pensa e pensamento é corpo – reunião ver-sentir-perceber – isto é, corpo, pensando (tanto quanto dançando), se faz mais corpo. Pela possibilidade de ser, precisa dançar-pensar; pela possibilidade de dançar, é-pensa; pela possibilidade de pensamento, é dança.

Corpo e vida, corpo ou vida, a amarração de palavras e o uso da forma sugerida por Fogel cola e descola sentidos. É estratégia para descolar (raspar<sup>9</sup>) o sentido dual circunscrito na tradição metafísica e colar a ele uma palavra que resgate e restitua ou lembre suas permanentes nascividade, mutabilidade, possibilidade e factibilidade. Ou seja, reforçar pela sombra ou pela entrelinha do sentido de vida, o que corpo diz originária e poeticamente. Corpo: o que aparece, desvela-se, velando; consumação de princípio, essência (Castro, 2011, 2010; Heidegger, 2002). Entretanto, insistimos na palavra corpo pois, após raspar os sentidos e sempre que tomado pelo dançar, é ele que segue sendo questão, aparecendo.

Eis que se desvela a questão-corpo não como objeto, não como sujeito, não como algo do eu, pertencente ao eu, a um eu enquanto indivíduo. É em corpo e pelo corpo que vida faz sentido como vida, que ser e pensar mais são o mesmo, que se é possível amar o saber e o sabor, que é possível dançar. Temos, ainda, ouvindo a Fogel (2012), que corpo não é substância, é instância, no sentido do ato de instar, instauração permanente, constante. É aparecer imediato, instantâneo. Não duas partes, mas sim um/o corpo – não dual, mas monádico; não dualista, mas monista; não cindido, nem juntado, mas unidade. Corpo é sentir-ver-perceber – *aisthesis-nous*. Pensamento é corpo, corpo é pensamento, pensamento-corpo, no imediato instante de instauração do ser, reunião e compactação de e como sentido, linguagem. Isto que é fundo, fundar, um só acontecimento e único ato. Como veremos que nos apontou e instigou Nietzsche:

---

<sup>9</sup> Tal qual nos ensina Fernando Pessoa/Alberto Caeiro no “Guardador de Rebanhos” (Pessoa, 1993).

grande razão. Como retomou Angel Vianna numa espécie de paráfrase e citação a seu modo e pela sua experiência: “o grande filósofo é o corpo” (Vianna, 2018).

### **O corpo grande razão de Nietzsche**

Agora que já está mais evidente e marcada a unidade dançar-pensar e que entendemos o grande filósofo que é o corpo de cada um, podemos passar a pensar o corpo como grande razão. Dançar será um exercício desta grande razão, tanto como dança quanto como pensamento. O pensar é de corpo, acontece quando e como dança, permite corpo se perfazer (mais) corpo, e sempre guarda algo a mais por se revelar, por vir-a-ser. Com isso, mais à frente será possível nomear esta experiência de corpo em se fazendo mais isso que é pelo acontecer de dançar-pensar, ou ainda, de ser.

A grande razão é o corpo, que dança, que pensa, se pensa. “É teu corpo e sua grande razão, que não diz eu, mas faz (o) eu. [...] Ele mora no teu corpo, é teu corpo” (Nietzsche *apud* Fogel, 2012, p. 211). Já nesta precisa passagem do pensador alemão nos fica indicado um sentido para razão diferido e incompatível ao uso do termo como atributo de capacidade de raciocínio (lógico). Razão está diretamente ligada ao pensar, mas é preciso marcar (e escutar) ao sentido de razão que nos ajuda a dialogar com as questões que aqui buscamos compreender e expandir. *Este* entendimento de razão diz mais (nesta passagem e no originário da palavra) do que raciocínio lógico, cartesiano, prescritivo, dedutivo, científico. Todas essas adjetivações fazem referência a uma também redução do que razão evoca. Gilvan Fogel aponta para o sentido arcaico do termo – este que estamos buscando escutar – dizendo inclusive como grande razão redundante em um pleonismo quando se dá tal escuta, posto que a expressão está nomeando-se, com ela, o fundamento realmente fundamental, corpo. Vejamos como o autor nos orienta para além (ou aquém) do vago sentido do conceito de razão:

Com o risco de evidente parcialidade, assumido, tentemos determinar uma direção neste grande vago. Entenderemos por razão o poder, melhor, *a força de juntar, compor, integrar ou reunir no próprio ato de ver*, i. é, de visualização, entendida esta como o que habitualmente se denomina

também a hora ou o ato de apreensão, de captação, de percepção. ‘Razão’ é este ato de *ver* e *ver justo porque já é reunião, integração – compactação*. O aparecer ou mostrar-se – que é sempre já reunido ou compactado – é ato de razão, é acontecimento racional. (Fogel, 2012, p. 212 [grifos do autor]).

Com isso, neste horizonte, podemos, ainda mais, dizer que homem – corpo humano – é animal de razão<sup>10</sup>. Corpo é onde e quando (instante, momento) que se nos aparece e se mostra, que é captável e perceptível, que se vê e dá-se a ver certa reunião, compactação (de sentido). Corpo é grande razão, como integração, recolhimento, reunião<sup>11</sup>. “O corpo é a grande, i. é, a verdadeira, a autêntica razão. Isto quer dizer: é o verdadeiro, o autêntico, o único fundamento” (Fogel, 2012, p. 214). Isto é, o que faz sentido, o que se mostra, que o faz como e porque corpo. Grande razão é o corpo e isto é o mesmo que dizer o próprio, senhor do eu, o ser agindo, o tempo temporizando, possibilidade de e para possibilidade, liberação de realização e acontecimento. Em tudo isso, o único e mesmo ato, imediato, uno, e, por isso, múltiplo em diferenciação.

Corpo não é só *uma* grande razão. Ele, neste sentido, é *a* razão. Mas há muitas razões, pois há muitos, inumeráveis corpos. Todo ou cada modo possível de ser de vida, de existência, configura *um* corpo, é um corpo possível. Corpo ou *corpos* é um outro nome para os *verbos* do/no existir ou viver. Corpo, assim, se mostra como o um que em si mesmo e desde si mesmo se diferencia, *se altera*. É o *logos*. (Fogel, 2012, 210 [grifos do autor]).

Verbo do existir e modo de ser corpo é também o próprio dançar enquanto verbo de liberação de existência, verbo de vida<sup>12</sup>, possibilidade, sendo. Dançar realiza e perfaz isto que aquele que é tomado pelo dançar só pode ser, vir a ser e deixar de ser porque se abre e é tomado pelo dançar. Mais do que nunca dançar e corpo se aproximam, são e dizem um mesmo; tomam, tocam, afetam, constituem um ao outro. Dançar é próprio da e para diferenciação de corpo. Criar danças é abrir possibilidade de criar (outros novos) corpos (no mesmo corpo). Deixar corpo ser o que é, quer dizer, deixar corpo ser mais corpo é o que a dança nos oferece enquanto ação de manifestação e acontecimento do

---

<sup>10</sup> Razão, neste sentido, recupera o sentido da palavra grega *Logos*. Assim e somente assim pode ser *razão* uma tradução (entre outras possíveis) de (um dos) sentidos de *Logos*.

<sup>11</sup> *Logos* (cf. Fogel, 2012; Jardim, 2005).

<sup>12</sup> Sobre verbo de vida, conferir Zanotto (2021).

ser sendo, do tempo temporizando. Também segundo Fogel (2012), o corpo é o um que se diferencia em si mesmo. É, aí, lugar em que uma dinâmica em experiência se faz e aparece como tal, e cuja intensificação (experienciada pelo e no dançar) torna corpo visível.

Dançar é pensamento e pensamento é dança enquanto, como e desde esta grande razão – corpo. Aqui, sumariamente, entendemos que corpo filósofo não é um eu enquanto um sujeito que filosofa – ou pensa, ou dança. Tampouco o corpo é um eu. O filósofo não é um eu. Insistimos?! Não. Sendo um eu, corpo não dança. Porque não é, não pode ser sujeito da dança. Pensamos – e ouvimos – a grande razão, isto é, corpo, em dança, para que se nos seja possível a desaprendizagem<sup>13</sup> do eu. Quer dizer, para outra vez resistirmos aos conceitos, às interpretações e significações tardias, superando a noção de sujeito ou sujeição. Abrimo-nos ao próprio, à aprendizagem do próprio. Este é quem dança. O próprio é, ainda e por isso, obra: obra de dança. Ou melhor, pela e desde a força do dançar – pela existência encarnada no verbo dançar – quem (ou melhor, o que) dança é a grande razão, e não a pequena razão, o eu<sup>14</sup>. O ser – sendo linguagem – é que dança. Quando se dá, tardiamente, o eu é obra do dançar, tal qual as danças e os dançantes. “A ‘grande razão’, o corpo, não diz eu, mas faz eu, faz vir a ser eu como obra de obra” (Fogel, 2012, p. 218). Obra do dançar: obra do ser, obra do estar em obra, do ser obra, aberto, possibilidade de e para possibilidade, multiplicidade na unidade.

A partir disso, podemos dizer que quando dança, corpo (se) pensa mais. Manifesto na e pela dança, corpo se faz corpo – e mais corpo. Em dança, o corpo é mais corpo e o corpo é mais: é obra, acontecimento, dinâmica. E é o próprio ato de pôr-em-criação, a criatividade. Por isso, tampouco, não é (apenas) o corpo (sozinho) que dança, pois já precisa haver dança (criação, obra, tensão) como ação do ser, para o que o corpo dance ou esteja em dança, dançando. Corpo, como acontecimento do ser, torna-se próprio e se perfaz (a si, em si) conforme há dança. Dança e pensamento se encontram

---

<sup>13</sup> Em referência à forma utilizada por Fogel (2007).

<sup>14</sup> Para Nietzsche, a grande razão é o corpo e a pequena razão é o eu, o indivíduo (Fogel, 2012). Quando vivemos na cisão corpo e mente, o eu fala mais alto, dá-se mais valor à pequena razão pois a grande razão se perde, é esquecida e desvalorizada devido à cisão.

enquanto atos, possibilidades de agir do corpo como corpo, unidade sentir-ver-perceber. Tornar-se (mais) corpo, dar-se (como) corpo, perfazer-se, fazer aparecer (mais) corpo, ou seja, mais pensamento, mais o ser sendo, mais doação é, então, fazer história, memória, existência, permanência. É o que fomenta, permite e é nutrido pelo dançar.

Sobre tal agir, este tornar-se isto que é corpo, nomeio encorpoar:

O corpo é a própria abertura, interesse, perspectiva. Dá-se sentir, ver, perceber, conhecer porque há ou faz-se abertura (interesse, afecção), e não o contrário, a saber, não é um eu constituído que se abre e então, vê, sente etc. Sentir, ver conhecer – isto é obra de corpo; jogo de corporização [encorpoar] (Fogel, 2012, p. 223 [comentário inserido]).

A força de encorpoar nos diz deste acontecer prévio e imediato: obra de corpo, o que é posto em obra pelo corpo. Mas, também, compreendendo o que obra como corpo e no corpo. Assim o faz a fim de aparecer, quer dizer: a meta, a consumação plena<sup>15</sup> de corpo é fazer-se visível, auto-expôr-se (Fogel, 2012). Corpo quer e precisa realizar este exercício de ser o que é e de ser mais isto que é que a dança permite e instaura. O corpo mesmo em se revelando corpo e revelando isto que corpo é. Isto é, ele, por ele mesmo e como ele mesmo, se figura, se dá e se faz limite, manifestação. Conforme se retira, é posto para “fora” como coisa (como sentido, presença, compactação). Ao ser, exerce-se, como obra e feitor, escultor e escultura, dança e dançador<sup>16</sup>. Diz seus saberes e fundos, mostra suas cores e nuances, sua pluralidade e diversidade, mostra sua insaciedade e iliminaridade ao passo que deseja seus limites e contornos.

Encorpoar diz da dobra da vida como existência e vida em sua finitude em tensionamento. É nesta tensão que finitude e limite se entrelaçam, circulam, e que se pensa a per-feição do corpo no dançar. Encorpoar ressoa transbordar, ganhar borda,

---

<sup>15</sup> Conforme Castro (2014) e Jardim (2005), a palavra grega *Télos* diz do fim que não é término nem finalidade, mas do fim como consumação plena. *Télos* está sempre em dobra com *Arkhé*, outra palavra originária para dizer princípio e principiar como isto que segue surgindo, nascendo, sendo fonte. Neste caso, princípio e fim estão distantes do sentido temporal linear e unidirecional. Princípio e fim, como dobra *Arkhé* e *Télos*, são simultâneos e contínuos. Um acontecendo no outro, um possibilitando o outro. *Télos* diz ainda de um fim que não se esgota, não se consome, mas acaba por estar tornando-se aquilo que mais deve ser, aquilo que mais é.

<sup>16</sup> Dançador(a) é usado aqui como neologismo, mas leva o mesmo sentido de ser dançante, aquele(a) que dança, que está em dança.



ganhar limite. Esta plenificação aparece no e como limite. A dança dança os limites: move limites, move-se por entre limites e mostra o figurar de limites. Ganhar limite, finitude é o mesmo que figurar. Figurar é também o encorpoar e diz o mesmo que mundificar, quer dizer, instaurar mundo, ganhar entorno, que contorna, que dá limite, fim, definição, perfazimento..., corpo. Tornar-se, de súbito, imediato e por gratuidade e gratificação (do ser, do poético), é tal figurar – como ganhar figura –, isto é, ganhar linhas, traços, riscos, inscrições, cicatrizes, calos, desenhos, contornos. Ganhar isto que se é pelo dançar. Encorpoar uma cena de dança, encorpoar já que e portanto dança, encorpoar para que se nos re-apresente (sempre e de novo), o corpo como o grande filósofo e como grande razão.

Para Maria Ignez Calfa, esta dinâmica de aparecimento de corpo, ainda mais quando em dança, é de essência e singular. Para a autora, é corporeidade (Calfa, 2010), isto é, a propriedade (o ser próprio) de corpo em se fazendo aparente, constitutivo, espessante, em reunião, em compactação.

O que vem à presença e aparece a partir de si mesmo é corpo. (...) Corpo é tudo e em tudo o que percebemos a cada instante, seja fora de nós, seja dentro de nós. Tudo o que for será em nosso corpo corpo (Calfa, 2014, p. 47)

O ser no mundo é o ser-corpo marcado na experienciação do real como impermanência, a saber, o manifestar-se sempre inaugural do corpo, compreendido em sua dimensão concreta na corporeidade, por aquilo que faz do real o que ele próprio é. (Calfa, 2010, p.49)

Enquanto a autora marca a propriedade do corpo de ser corpo – a corporeidade – desejo juntar a isso a dimensão verbal de corpo ser corpo, corpo-ação: encorpoar. Quer dizer, ganhar corpo ao passo que se é sendo corpo, ser pelo modo corpo de ser (o único possível). Simultaneamente, ser espaço do ato de habitação, moradia (do ser, do dançar) no corpo. Moradia da pequena razão, do eu, mas também onde vem morar tudo o que sobrevém ao homem para que este possa cumprir destino: ser seu próprio. Por isso pode-se afirmar que quanto mais a grande razão pensa, maior e mais intenso o encorpoar de corpo e maior (e mais própria) a apropriação. O vigor do dançar, que é o vigor do pensar, que é o vigor do corpo sendo corpo, que é o vigor deste aparecendo e

se fazendo corpo. Mais próprio, mais é sendo: mais fala o poético (ou poético-ontológico), e menos o corpo é meramente o eu, um sujeito, tardio.

As dimensões e entendimentos de corpo, a corporeidade, o encorpoar e a grande razão, são, portanto, diferentes dimensões de uma mesma tentativa de dizer algo; e são diferenciações de uma unidade. De forma similar, falam da mesma dinâmica de intensificação de uma identidade à medida que esta, assim, se expõe, se libera e intensifica (Fogel, 2012) – isto é, à medida que dança, que há dança. Corpo é, sim, aquele “fundamento realmente fundamental”, originário. Entretanto, contudo, tudo isso só pôde/pode ser pensado, visto-sentido-dito-percebido porque dança – porque dançamos, porque somos tomados e tocados pelo dançar. O caminho de pensamento só se nomeou porque dançou-se, porque dança acontece. Fez e faz sentido à medida que, dançando, pensamos. Porque, quando dança, corpo (se) pensa mais – mais do que organismo, mais do que parte de uma cisão ou união, mais do que receptáculo, sub-porte, sub-stância – e mais intensamente, isto é, mais vigorosamente, sendo mais isto que é.

Em resumo, é próprio do corpo sua necessidade de ser mais, de criação, de experiência, de pensamento, de diferenciação, de permanência e impermanência, de temporalidade – e tudo isso é posto em obra, em dança, pelo e no dançar. Tudo é posto em cena, ainda que invisível ou indizível, quando dança instaura cena. Vêm com o corpo quando ele entra em dança e para entrar em cena. Este(s) corpo(s) realizam, assim suas inscrições, isto é, dançam pensamentos, dançam corpos possíveis, dançam o próprio deixar de ser.

Inscrição enquanto ato do porque faz, sabe, e do já que sabe, faz: a circularidade complementar originária de pensar. Pensar não dentro da circunscrição fundamentalista que provocou e insiste numa suposta cisão de corpo e mente ou matéria e espírito, mas sim na circunscrição originária, que sempre entendeu pensamento-corpo enquanto unidade que é. Inscrever é um ato que marca e que deixa rastro, deixa guardadas saberes e informações que advêm do fazer, do experienciar e experimentar, do saber porque já sentiu o sabor. Num só tempo, inscrever se faz possibilidade pois é um ato de realização

ou consumação, não de consumir. É um fazer que advém de um saber guardado, adquirido, conquistado. Assim, no ato de inscrição que a dança torna manifesto, é circular a temporalidade de fazer-saber, teorizar-experimentar, pesquisar-praticar.

### **O corpo mais corpo da dança – últimas considerações**

À revelia da cisão metafísica, corpo é (de novo e sempre) unidade. Encorpoando, e na vigência da corporeidade, corpo é (de novo e sempre) unidade. Da permanência advém mudança e atualização. Ambas são condições para se manter sendo o que é. Da continuidade se dão o nascer, o renascer, o renovar: ser outro e ainda assim ser o mesmo – o mesmo que sempre se é, se foi e se virá a ser. Justo aí, corpo nos mostra que pode ser sempre outro.

Diferenciar-se como novo, nascente, renovação de princípio, novamente vir a ser (o que é próprio): tal é o perfazimento, tal é o ultrapassar tudo o que já coube e transbordar (como diferente, como diferenciação). É também diferença ontológica a disposição à abertura, viver no aberto que possibilita diferenciar e que exige renovação. Porém, diferenciar como outro dentro do sentido que diz regeneração, como *re*-gênese, isto é, sempre nova gênese, sempre novo surgimento, novo aparecer, novo nascer. Atualizar-permanecer é fazer-se outro de si, em si, experienciar alteridade: ser outro, mas que não é totalmente outro porque é ainda outro de si, ainda é um mesmo, o próprio – um poder ser.

Neste ponto do caminho, o qual as questões sugeriram e pelo qual as questões nos conduziram e convidaram (a dançar, a pensar, a filosofar), nos advém mais outro salto: seria dançar experienciar este diferenciar? Cabe a nós outra vez nos agarrarmos ao que somos, corpo, e, na unidade dança-pensamento, escutar, bem como na unidade sentir-ver-perceber, deixar que corpo apareça, se nos mostre. Dançar seria, dessa forma, experimentar alteridade. Dançar como o experienciar de diferença e de identidade obrando corpo. Diferenciação a partir de uma identidade que permanece e exercita tal

diferenciar: a grande razão. Isto é, quando dança, corpo se faz mais isto que já é, se faz mais próprio, pensa mais, logo se faz mais corpo.

Mas, será que já respondemos à pergunta que quer saber o que, na dança, no dançar, faz corpo (ser) mais corpo? Ou guarda esta ainda um mistério? Sabemos de um modo de ser, de ser-no-mundo e entre-ser, que cola ainda mais a unidade sentir-ver-perceber (*aisthesis-nous*). Entretanto, um modo de ser que mantém abertura e restituição ao mistério. Mantém exata e paradoxalmente o mistério como parte da resposta e se aproveita da restituição do poder ser e do que se vela quando corpo se dá a ver como possibilidade de ser. Se aproveita da aparição de corpo em dança, seu desvelar como isto que é, mas só é justamente possível que se nos advenha como sentido, questão ou pensamento porque guarda esta parte velada, o mistério. Da mesma forma, o salto guarda o desconhecido e por isso possibilita o deslocamento gerado pelo saltar.

Quer dizer, o que, no dançar, faz corpo ser mais corpo é a tensão que se torna possível experienciar em corpo em dança: uma disputa entre ser-no-mundo e experienciar a abertura ao nada, ao mistério velado. Porque corpo dançando é justamente o aparecimento do mistério de existência e de reunião (linguagem, razão, grande razão), conforme dá-se a ver-sentir-perceber. Corpo dançando evidencia-se, mas justamente por isso que – também - permite o silêncio e o que está velado aparecerem como tal. O dançar veste e desveste o corpo, isto é, esconde e revela, desde o visível, permite entrever o invisível que eclode nele e com ele, como dança. Nesta dinâmica de desvelamento e velamento, movem-se as coisas do ser, do sendo e do sou, movem-se as possibilidades, movem lugares, movem limites e, de novo corpos (outros) são possíveis.

No acontecimento e no exercício da unidade dança-pensamento, seja esta instaurada em cena, em aula, socialmente, ou em outros contextos, o que se dá é a inscrição de corpo como o que se mostra, se auto-expõe, e do mistério como o que se vela, mantém-se guardado. Tal ambiguidade paradoxal da inscrição tende a ser algo motriz para a prática de e como pesquisa e para o exercício cênico. Há este apelo do paradoxo que nos impele a retornar a atenção para o dançar. Pois a cada retorno, algo outro se revela, se mostra desde e como corpo. É justamente a unidade de dançar-pensar

que pode ser a reunião destes tantos outros (novos) corpos que se desdobram na dança. Bem como é esta mesma unidade que segue guardando e restituindo o que se mostra como mistério.

As respostas às perguntas podem ser encontradas, mas as respostas às questões de dança, corpo, arte e ser continuarão sempre guardando uma parte de mistério e ainda assim se nos revelando danças-pensamentos outros. É exata e poeticamente por isto que elas nos convidam a persistir e insistir no dançar. A cada salto para as questões voltamos com outros corpos possíveis, mas também retornamos com mais um tanto de mistério para ser dançado, perguntado, elaborado... enfim, mais um mistério para nos convidar a um encontro com o corpo.

### **Referências bibliográficas**

BRAGA, Diego. A terceira margem do mito: hermenêutica da corporeidade. *In: Terceira Margem: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura*. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, vol. 22, jan-jun, 2010. p. 51.

CALFA, Maria Ignez de Souza. Corpo. *In: CASTRO, Manuel Antônio de, FAGUNDES, Igor, FERRAZ, Antônio Máximo, TAVARES, Renata (orgs.). Convite ao Pensar*. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

CALFA, Maria Ignez de Souza. **A corporificação na dança**. Tese de Doutorado (Poética). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PPGL UFRJ, 2010.

CASTRO, Manuel Antônio de, FAGUNDES, Igor, FERRAZ, Antônio Máximo, TAVARES, Renata (orgs.). **Convite ao Pensar**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2014.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Leitura: questões**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2015.

CASTRO, Manuel Antônio de. **Arte: o humano e o destino**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

CASTRO, Manuel Antônio de. O Próprio e os atributos. *In: REVISTA TERCEIRA MARGEM*. Rio de Janeiro: PPGL UFRJ: n. 22, p. 9-12. 2010.

FOGEL, Gilvan. **Sentir, ver, dizer: cismando coisas de arte e de filosofia**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

FOGEL, Gilvan. O desaprendizado do símbolo: a poética do ver imediato. *In*: **REVISTA TEMPO BRASILEIRO**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, n. 171, out-dez. 2007.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Trad: Manuel Antônio de Castro e Idalina Azevedo. São Paulo, São Paulo: Edições 70, 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

JARDIM, Antonio. **Música: vigência do pensar poético**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

JARDIM, Antonio. Quando a paixão é filosofia.... *In*: CASTRO, Manuel Antônio de (Org.). **A construção poética do real**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 91-112.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. São Paulo, São Paulo: Lafonte, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo, São Paulo: Martin Claret, 2010.

PESSOA, Fernando. O guardador de rebanhos. *In*: PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro**. Lisboa: Ática, 1993. Disponível em: < <http://arquivopessoa.net/textos/1104#:~:text=E%20raspar%20a%20tinta%20com,huma%20que%20a%20Natureza%20produziu> >. Acesso em: 15/02/2021.

VIANNA, Angel. **Angel Vianna – Série Cada Voz (2019)**. Internet. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=6XtOaPZvaKg> >. Acesso em: 12/08/2022.

VIANNA, Angel. **Corpo Filósofo – Ocupação Angel Vianna (2018)**. Internet. Rio de Janeiro, fev, 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=wUu3wTwPmCE> >. Acesso em: 15/02/2021.

ZANOTTO, Dinis. **Procura dança: corpo e abismo**. Dissertação de Mestrado (Dança). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PPGDan UFRJ, 2021.

ZANOTTO, Dinis. A dinâmica dos afetos como cena: um encontro entre dança e filosofia. *In: Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional dos Pesquisadores em Dança*. Salvador, Bahia: Editora ANDA, 2019. Disponível em: < <https://proceedings.science/anda/anda-2019/papers/a-dinamica-dos-afetos-como-cena--um-encontro-entre-danca-e-filosofia> >.